

A tragédia e o trágico em Sigmund Freud e Jacques Lacan: um diálogo entre psicanálise, filosofia e tragédia grega

Tragedy and the tragic in Sigmund Freud and Jacques Lacan: a dialogue between psychoanalysis, philosophy and greek tragedy

*Gabriel Crespo Soares Elias**
*Miguel Mantovani Martins Gomes***

Resumo

O presente trabalho trata da remissão feita por Freud e Lacan à tragédia grega e às noções de trágico que podem ser extraídas a partir de uma revisão filosófica destes autores. No primeiro, constatamos a importância da tragédia Édipo Rei para a definição do complexo nuclear da neurose. Em uma leitura filosófica, o trágico para Freud consistiria na posição precária da qual o indivíduo não pode se eximir, isto é, a tragédia de nutrir amor pela mãe e almejar ocupar o lugar do pai. Em Lacan, constatamos a importância conferida à tragédia *Antígona*, da qual este autor extrai uma noção de trágico para fundamentar o que seria a ética da psicanálise: o compromisso do analista com o sujeito que não deve abdicar de seu desejo em prol das convenções que compõem o laço social.

Palavras-chave: Psicanálise. Filosofia. Tragédia grega. Noção de trágico. *Édipo e Antígona*.

Abstract

This work presents the remission operated by Freud and Lacan to Greek tragedy and the notions of tragic that can be extracted from a philosophic review of these authors. In the first, we observe the relevance of tragedy Oedipus for defining the nuclear complex of neurosis. In a philosophical review, the tragic in Freud consist in the precarious position that man can't escape, the tragedy of loving one's mother and wishing to occupy the father's position. In Lacan, we observe the relevance of Antigone tragedy, from which this psychoanalyst extracts a notion of tragic to base the psychoanalytic ethics: the commitment of the analyst with the subject, who doesn't have deny his desire in favor of the conventions that make up the social bond.

Keywords: Psychoanalysis. Philosophy. Greek tragedy. Notion of tragic. Oedipus and Antigone.

* Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, Campus Universitário de Rio das Ostras (UFF). Rio das Ostras, Rio de Janeiro, Brasil. gabrielcrespo@id.uff.br

** Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, Campus Universitário de Rio das Ostras (UFF). Rio das Ostras, Rio de Janeiro, Brasil. miguelmantovanigomes@id.uff.br

Introdução: os fundamentos trágicos da psicanálise

Desde a criação da psicanálise por Sigmund Freud, observamos a remissão à tragédia grega para atender a problemas apresentados pela clínica. Em Jacques Lacan, talvez o maior nome da psicanálise após seu criador (ROUDINESCO, 1994), constatamos novamente o ato de retorno à tragédia grega para que uma ética da psicanálise fosse fundamentada. Segundo o psicanalista francês, a preocupação com a ética já aparece na obra freudiana e vai se transformando e formalizando até os últimos escritos de Freud, embora jamais seja tratada de forma objetiva em um texto que a tome por tema central (LACAN, 1959-1960/1988). É sabido que o criador da psicanálise não dedicou um texto em especial para tratar da ética da psicanálise, assim como também não o fez para descrever conceitos e noções fundamentais para o entendimento de seu pensamento, tais como o complexo de Édipo, a sublimação ou a consciência (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Contudo, apesar de a temática ética não ter um espaço próprio na obra do autor, ela pode ser pensada a partir da leitura de alguns textos fundamentais para o entendimento da teoria da clínica e da técnica psicanalíticas. Podemos dizer que a ética freudiana consistiria na observância de alguns princípios/fundamentos da clínica, aqui sintetizados, princípios também reconhecidos por Lacan e outros autores:

- O reconhecimento do inconsciente como protagonista da vida psíquica, retirando da consciência e da racionalidade o protagonismo da existência do sujeito. Sujeito este que não pode ser confundido com um Eu ou como uma unidade coesa, podendo ser chamado de sujeito do inconsciente (FREUD, 1915/1996; LACAN, 1985a).
- O entendimento de que a clínica psicanalítica pode ser vista como a clínica do desamparo, sendo o desamparo original a condição para se conhecer a formação do aparelho psíquico (FREUD, 1950[1895]/1996; BIRMAN, 2018).
- A compreensão de que a dor, proveniente das variações entre prazer e desprazer, é fundamental na constituição dos esquemas do aparelho psíquico (mecanismos de defesa do eu) e na modificação do mesmo. As experiências de prazer e desprazer, consideradas sempre como singulares, são as responsáveis pela variada gama de subjetividades existentes (FREUD, 1905/1996; FORTES, 2012).
- O posicionamento de que a análise também se situa mais além dos registros de prazer-desprazer, levando em consideração o duelo constante entre o par

de pulsões, pulsões de vida e pulsões de morte. O conflito pulsional caracteriza-se como uma tensão existente no aparelho psíquico proveniente das tensões do corpo. Tal conflito, para Freud, jamais encontra equilíbrio (FREUD, 1920/1996; BIRMAN, 2018).

- O registro da dor no corpo do sujeito. O corpo é compreendido como corpo erógeno, que, ao contrário do corpo anatômico/orgânico, se caracteriza por regiões (zonas erógenas) onde as pulsões são registradas psiquicamente. Tal relação do sujeito com o mundo se dá a partir das experiências de prazer e desprazer que esse corpo vivencia (FREUD, 1905/1996; FORTES, 2012).
- A relação direta do sofrimento psíquico com a moral cultural vigente. Para sua compreensão faz-se necessário considerar as relações familiares e sociais que fazem parte da história da constituição psíquica do sujeito (FREUD, 1908/1996; BIRMAN, 2017).
- A recusa à proposta de uma volta a um estado anterior de coisas que, supostamente, seria um estado de harmonia e completude. Desde os primeiros passos das investigações freudianas, a relação entre sujeito e mundo (mãe) é marcada pelo par amor e hostilidade (FREUD, 1950[1895]/1996; CLACK, 2015).

Segundo Lacan (1959-1960/1988), há nos fundamentos da clínica freudiana, elencados acima, uma dimensão trágica. Não apenas porque Freud fez uma remissão à tragédia Édipo Rei, mas pelo fato de ele ter postulado um sistema que não se propõe a dar uma ordem ao caos, que não concebe um sistema de pensamento fechado, tampouco parte de especulações filosóficas. Por sua vez, Freud criou um campo fundamentado em recônditos abismais do inconsciente, do desejo, do erotismo, do desamparo e da falta.

Segundo Vernant e Vidal-Naquet (1999), a tragédia foi produzida no século V a. C. na Grécia Antiga por autores como Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. No palco as peças produziam horror e identificação no cidadão grego desse século denominado de período trágico. Para os historiadores, a tragédia grega foi perdendo espaço no laço social antigo com a instauração da filosofia e da metafísica por Sócrates e Platão. A busca pela verdade e por um bem essencial se tornaria objeto de interesse dos pensadores gregos a estes posteriores. Segundo Nietzsche (1873/2008), o pensamento racional subtraiu da tragédia o êxtase e a transformou em drama e comédia. Ou seja, segundo Nietzsche (1873/2008), a racionalidade filosófica seria a antítese do elemento trágico da tragédia grega.

Segundo Machado (2006) e Birman (2012), o que parece ser uma contradição – o pensamento e o trágico – é definido em filosofia a partir de uma li-

nhagem de autores de língua alemã que em termos estéticos/éticos são considerados pensadores trágicos modernos, pois buscaram na tragédia grega, entre os séculos XVII e XIX, as fontes de inspiração para as suas literaturas e filosofias. Alguns de seus expoentes são Johann Wolfgang von Goethe, Friedrich Schiller, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Arthur Schopenhauer e Friedrich Wilhelm Nietzsche.

Em nosso estudo teórico faremos um diálogo entre textos psicanalíticos e filosóficos, a fim de apresentar como a psicanálise, a partir dos fundamentos teórico-clínicos postulados por Freud e Lacan, se inscreve na tradição de autores de pensamento denominado trágico, tais como Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger (ASSOUN, 1978; BIRMAN, 2012). A partir da interlocução entre psicanálise e filosofia, pretendemos apresentar os atos de remissão à tragédia antiga em Freud e Lacan e as noções de trágico que podem ser extraídas do trabalho de cada um destes autores. Para tal, torna-se necessário distinguir os dois campos de conhecimento, respeitando a visão contrária do criador da psicanálise de que qualquer especulação filosófica pudesse substituir a investigação analítica (GARCIA-ROZA, 2009).

Freud e o problema da visão de mundo (*Weltanschauung*)

Freud entendia a psicanálise como um saber (ciência) construído a partir da experiência clínica. Ou seja, a psicanálise possui como um de seus fundamentos éticos a primazia da clínica, onde a experiência da análise é o que indica as necessidades de elaboração ou reelaboração teórica e desenvolvimento conceitual. O criador da psicanálise recusava que ela pudesse ser moldada a partir de pressupostos filosóficos pessoais. Em seu pensamento, sua prática clínica poderia se encontrar com um pensamento filosófico ou literário, jamais o inverso (GARCIA-ROZA, 2009). Vejamos como o próprio pai da psicanálise apresenta o problema:

A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias (FREUD, 1923[1922]/1996, p. 264).

Em sua escrita, contudo, não raro Freud “encontrava-se” com os autores da filosofia como, por exemplo Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, e os tomava como interlocutores. Quando ele próprio não chamava a atenção para as semelhanças entre sua obra e a dos filósofos, seus leitores apontavam para tais semelhanças (JONES, 1989; ROUDINESCO; PLON, 1998).

Paul-Laurent Assoun (1978) dedicou uma obra inteira para mostrar a ambivalência de Freud com relação à filosofia e aos filósofos. Este autor afirma que Freud considerava a filosofia uma *Weltanschauung* (visão de mundo), que permanece fechada, pronta sobre si mesma, pois cada filósofo procura dar unidade ao seu pensamento e, com isso, a resposta que dá ao problema por ele colocado se fecha num sistema. A psicanálise, por sua vez – uma vez que reivindicava o título de *Naturwissenschaft* (ciência da natureza) – deveria permanecer aberta à constante reconstrução, embora não pudesse ser reduzida nem a um fisiologismo nem ao naturalismo médico-biológico.

Freud (1933[1932]/1996) afirma que temia que a psicanálise se convertesse em um modelo teórico que serviria para explicar tudo, como alguns sistemas filosóficos totalizantes. Para seu criador, a psicanálise deveria se pautar pela experiência advinda da clínica e não deveria tecer especulações para além do âmbito do seu campo analítico (GARCIA-ROZA, 2009).

Ao contrário de certas críticas dirigidas à psicanálise, por exemplo a de C. G. Jung (1927/1971) de que Freud se propunha a explicar toda a experiência psíquica através de uma visão de mundo limitada – que consistiria no complexo de Édipo e na teoria da libido como tendo origem exclusivamente sexual –, o próprio Freud (1905[1904]/1996) em determinados momentos de sua obra elencou as limitações da prática de psicanálise, seja na clínica com psicóticos, seja nos casos que ele considerava intratáveis pela psicanálise, como os idosos com senilidade. Ou seja, somente equivocadamente a psicanálise e a teoria sexual freudiana podem ser interpretadas como uma tentativa de explicar todas as coisas, pois o próprio criador do campo psicanalítico reconhecia as limitações da ciência que havia criado (ASSOUN, 1978).

Em meio às controvérsias e dissidências no movimento psicanalítico, Freud relata em *A história do movimento psicanalítico* (1914/1996) as suas preocupações com alguns dissidentes recentes¹ que pareciam querer impor

¹ Na história do movimento psicanalítico contada por Freud (1914/1996) e Jones (1989), podemos identificar a questão da visão de mundo (*Weltanschauung*) como central nas controvérsias de Freud com Adler e Jung, dois dissidentes da primeira fase do movimento, que teorizaram e propuseram suas próprias clínicas em crítica à psicanálise freudiana, a qual acusavam de tomar a sexualidade como resposta interpretativa para tudo.

suas visões de mundo à técnica psicanalítica, ou seja, modificar a teoria sobre a clínica a partir de visões de mundo pessoais. A preocupação de Freud com as eventuais confusões criadas por certos dissidentes do movimento psicanalítico entre psicanálise e visões de mundo estritas, fechadas, fez com que ele retomasse o problema na *Conferência XXXV*, intitulada *A questão de uma Weltanschauung* (1933[1932]), reforçando a primazia da investigação clínica:

O progresso no trabalho científico é o mesmo que se dá numa análise. Trazemos para o trabalho as nossas esperanças, mas estas necessariamente devem ser contidas. Mediante a observação, ora num ponto, ora noutra, encontramos alguma coisa nova; mas, no início, as peças não se completam. Fazemos conjecturas, formulamos hipóteses, as quais retiramos quando não se confirmam, necessitamos de muita paciência e vivacidade em qualquer eventualidade, renunciamos às convicções precoces, de modo a não sermos levados a negligenciar fatores inesperados (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 182).

Na clínica freudiana prioriza-se aquilo que o analisando traz para a análise, prioriza-se aquilo que o inconsciente manifesta a partir da técnica de associação livre. Ou seja, ao colocar o paciente para associar livremente, para falar sobre o que ele quiser, tentando evitar as repressões de seu pensamento – o que se constitui como a regra fundamental da clínica –, a análise irá se constituindo como um material para a criação e modificação da teoria e da técnica psicanalíticas. O analista trabalhará com o conteúdo que o paciente traz, não sobre o que ele quer propor como solução para o “problema” do seu paciente (GARCIA-ROZA, 2009).

Isso levará Freud (1905[1904]/1996) a afirmar que o trabalho do analista é diferente do trabalho do pintor, que coloca sobre a tela as tintas de seu interesse, mas é semelhante ao trabalho do escultor, que apenas retira partes da matéria e dá a ela forma. O analista deve tentar priorizar o que se manifesta durante a associação livre, em detrimento de seu próprio Eu, e das censuras e resistências do pensamento do analista, que só têm a atrapalhar o processo de análise, haja vista que a análise é sempre do outro, pertence ao paciente, não à pessoa do analista (LACAN, 1985a).

O trágico em Freud: aproximações entre psicanálise e estética filosófica trágica

Apesar de o próprio criador da psicanálise negar que a psicanálise seja uma visão de mundo (*Weltanschauung*), alguns autores tomam-na como um pensamento com certo viés filosófico. Dentre esses destacam-se o filósofo Michel Foucault (1970/2014), que, em um momento de sua obra, chama a atenção para a originalidade da escolha freudiana pelos temas da sexualidade e do inconsciente e o sociólogo Herbert Marcuse (1955/1981) que leu a teoria freudiana das pulsões como inseparável de sua interpretação cultural e filosófica.

Por sua vez, Joel Birman (2018) dirá que Freud fez uma epistemologia, pois para ele interessava saber como se constitui o aparelho psíquico, ou seja, como o indivíduo nasce sem o aparato necessário para sobrevivência no meio, tendo como marca o desamparo, isto é, necessita do cuidado dado pelo outro. Logo, segundo este autor, é possível inserir Freud entre os epistemólogos, fazendo ver que sua teoria pode ser lida por diferentes ângulos, dentre esses o da ótica filosófica.

(...) o estilo de pensamento presente no discurso freudiano, no que concerne a sua problematização da dor, se inscrevia numa genealogia filosófica, constituída no século XIX, que teve em Sade, Schopenhauer e Nietzsche as suas formulações teóricas cruciais. Em todos esses a leitura trágica do sujeito foi também colocada em evidência, de forma que foi nesta tradição teórica que se constituiu o discurso freudiano (BIRMAN, 2012, p. 20).

A visão de mundo da psicanálise seria próxima a uma estética trágica que tem, em grandes pensadores dos séculos XVII a XIX, formulações filosóficas que se aproximam das formulações freudianas extraídas a partir da clínica, isto é, o protagonismo da sexualidade na constituição da vida psíquica; a noção de um aparelho psíquico que não está descolado da dimensão da corporeidade e da erótica e o papel do inconsciente como motivação para as ações humanas (BIRMAN, 2012, 2017).

Com relação ao pensamento de Sade, a correspondência com a psicanálise é mais pontual e refere-se ao destaque da dimensão erótica e à hipocrisia social e institucional, sobretudo da Igreja, sobre o desejo e a sexualidade. Em Schopenhauer a correspondência com a psicanálise pode ser observada pela crítica ao domínio da razão e a proposição da vontade como força primária que conduz o ser vivo no mundo (ASSOUN, 1978).

Em Nietzsche, a psicanálise também encontra pontes de interlocução (ASSOUN, 1991). O filólogo alemão demonstra a relação entre o sofrimento humano e a moralidade e a educação a partir dos fundamentos cristãos e metafísicos da tradição de pensamento ocidental, que não leva em conta e desvaloriza as pulsões humanas. Notamos um paralelo interessante entre a *Genealogia da moral* de Nietzsche (1887/2017) e a crítica tecida por Freud (1908/1996) em *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna* sobre os impactos da educação repressora e da moralidade ocidental sobre a pulsão sexual na saúde do indivíduo, sobretudo, na saúde das mulheres, as que mais sofrem pela repressão da sexualidade.

Apesar de existirem pontos de encontro e diálogo entre o pensamento freudiano e a filosofia nietzscheana, é na filosofia de Schopenhauer que a psicanálise encontra maior correspondência. Assoun (1978), ao descrever a "topografia filosófica freudiana", afirma que dos filósofos do tempo de Freud, aquele de que este se encontrará mais próximo será o velho Schopenhauer. Nas palavras do autor, Schopenhauer ocupa uma posição privilegiada em relação ao pensamento de Freud, ele seria o astro solar enquanto Nietzsche ocupa uma posição de estrela mais modesta na epistemologia freudiana (ASSOUN, 1978).

Apesar de Freud considerar não ter espaço para o pessimismo em seu pensamento, não podemos deixar de apresentar o encontro de sua teoria psicanalítica com a filosofia de Arthur Schopenhauer². Dada a convergência entre seu trabalho e o do filósofo alemão, Freud não deixa esse fato passar despercebido em *Além do princípio de prazer*: Nas palavras do pai da psicanálise: "Inadvertidamente voltamos nosso curso para a baía da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida, ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver" (FREUD, 1920/1996, p. 58).

Nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*³, na fase final de sua obra, quando da apresentação sobre a sua metapsicologia, Freud dirá que, apesar da semelhança entre suas ideias e as do filósofo pessimista, diferente deste, ele não toma a morte como o único objetivo da vida e reconhece que ainda não

² A relação entre a psicanálise e a filosofia de Schopenhauer tem interessado a academia. Há várias referências a esse tema, vide Assoun (1978), Cacciola (1995), Barboza (2005), Fonseca (2012).

³ Em 1920, ao postular a compulsão à repetição e a pulsão de morte, Freud afirma o encontro de ideias entre a sua teoria com a filosofia de Schopenhauer, o que não acontece nas novas conferências 1933, onde o autor minimiza esta semelhança e abandona sua posição mortalista anterior, formalizando seu dualismo pulsional.

tem material clínico suficiente para dizer como se dá a relação entre o par de pulsões vida e morte:

(...) o que estamos dizendo não é nem mesmo Schopenhauer autêntico. Não estamos afirmando que a morte é o único objetivo da vida; não estamos desprezando o fato de que existe vida, assim como existe morte. Reconhecemos dois instintos básicos, e atribuímos a cada um deles a sua própria finalidade. Como os dois se mesclam no processo de viver, como o instinto de morte é posto a serviço dos propósitos de Eros, especialmente sendo voltado para fora na forma de agressividade – estas são tarefas reservadas à investigação futura (FREUD, 1933/1996, p. 116).

O que Birman (2012) chama de trágico em Freud é aquilo que Machado (2006) apresenta na obra *O nascimento do trágico – de Schiller a Nietzsche*, como sendo uma tradição de autores germânicos que buscavam nas obras da antiguidade clássica, nas produções artísticas da Grécia Antiga, elementos de inspiração para os seus trabalhos, sejam eles literários ou filosóficos. Entre os séculos XVII e XIX, autores de Friedrich Schiller a Friedrich Nietzsche viam a tragédia grega como a guardiã de verdades profundas sobre o espírito humano. Apesar de Nietzsche⁴ representar “uma de suas mais sublimes expressões”, a leitura da tragédia clássica e moderna como uma expressão do espírito humano não se encontra exclusivamente na filosofia deste, mas já se encontrava em obras de autores e pensadores iluministas alemães, idealistas, românticos e pessimistas. Aliás, segundo Machado (2006), o próprio Nietzsche está inscrito em uma tradição de autores de língua alemã que tomaram a tragédia como um problema de cunho filosófico, existencial e até mesmo ontológico, ou seja, “que diz alguma coisa sobre o próprio ser, ou a totalidade dos entes, a totalidade do que existe” (MACHADO, 2006, p. 48).

Seguindo o problema alemão de tomar a tragédia em seu caráter estético-moral, constatamos que Freud fez uma remissão às tragédias de Édipo e Hamlet como se estas carregassem uma verdade universal, algo que diz respeito a

⁴ A leitura que Nietzsche fará da tragédia, terá contornos bastante originais, podendo ser considerada como um divisor de águas na filosofia alemã, pois à diferença dos seus precedentes na filosofia e arte alemãs, ele dará um tratamento especial à tragédia, tanto que ele próprio se considerava o primeiro e mais autêntico filósofo trágico (MACHADO, 2006). Ao invés de tomar a tragédia a partir daquilo que nela havia de produção teatral clássica e moderna, Nietzsche (1872/2007) irá buscar nos sentidos do nascimento e da morte na tragédia da Grécia pré-socrática, aquilo que era vivido como trágico nas manifestações do culto a Dioniso e posteriormente no coro trágico (MACHADO, 2001).

todos os homens, atribuindo o sentimento de culpa, o triângulo amoroso infantil da tragédia edípica ou shakespeariana como sendo comuns a toda a humanidade, relacionando a nossa vida psíquica a uma classe de sofrimento quase inevitável (BIRMAN, 2012; FORTES, 2012).

A leitura que Freud faz da tragédia grega e moderna como reveladoras sobre a da vida psíquica coloca a psicanálise na mesma esteira da filosofia denominada trágica. De acordo com Machado (2006) e Birman (2012), são aspectos de uma filosofia trágica os registros do conflito pulsional – a vida contra a morte –, o problema da finitude, a precariedade do corpo/organismo. Aspectos que são problemas próprios do pensamento alemão dos séculos XVII a XIX. A psicanálise, nesse sentido, pode ser tomada como uma leitura trágica da existência (BIRMAN, 2017).

Contudo, a tradição pós-freudiana ou néo-freudiana esqueceu-se – ou sequer tratou como problema – a dimensão trágica presente no estilo e na letra de Freud. Ao não levar em conta os fundamentos da pulsão, o papel do corpo erógeno na constituição do aparelho psíquico, o conflito constante da vida com a morte, nos registros da compulsão e da dor, a tradição pós-Freud afastou-se do compromisso teórico e estético com tais aspectos do trágico que se escondem nos fundamentos da letra freudiana (BIRMAN, 2017).

Por isso Jacques Lacan (1985b) irá propor um “retorno a Freud”, ou seja, um retorno ao Freud autor de língua alemã, mas que foi reduzido a um modelo simples e pragmático pelos pós-freudianos. Segundo o psicanalista francês, o retorno a Freud não significa o apego dogmático ao seu pensamento, mas sim o retorno à obra de Freud no sentido de visitá-la de forma crítica – crítica no sentido filosófico. De modo a fazer uma análise dos fundamentos do pensamento freudiano como um método de colocar problemas para aquele pensamento e também para encontrar quais aspectos daquele pensamento constituem-se como a riqueza daquele autor. Riqueza que, segundo Lacan (1985b), foi negligenciada pelas escolas de ensino de psicanálise em língua inglesa.

O retorno aos fundamentos, sentidos e estilos de Freud diz respeito ao que em Freud esteve continuamente em desenvolvimento teórico e conceitual. Nesse sentido, sua obra deve ser lida de forma completa de modo a se perceber como os conceitos e pensamentos vão se modificando ao longo do tempo. Em um dos últimos textos freudianos sobre a clínica, intitulado *Análise finita e infinita*, Freud (1937/2017) não se via mais como semelhante a um escultor que trabalha retirando pedaços de matéria bruta, sólida; nas palavras do autor, “temos a impressão de que não trabalhamos com argila, mas que escrevemos sobre a água” (p. 347).

A remissão freudiana à tragédia grega *Édipo Rei*

Em *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud faz uma remissão à tragédia grega *Édipo Rei* para ilustrar um complexo formado no inconsciente que ele havia encontrado em sua experiência clínica interpretando os sonhos de seus pacientes. À semelhança do protagonista da peça que, sem ter consciência de seus atos, desejou aquela que era sua mãe e aniquilou seu pai, assim também o ser humano em determinado estágio de desenvolvimento, a saber, a infância, deseja ter para si a exclusividade do amor da mãe, seu primeiro objeto de amor, e percebe no pai a figura de um disputador/competidor deste mesmo amor.

O conteúdo que Freud analisa nos sonhos de seus pacientes, referentes ao desejo amoroso pela mãe, o desejo de morte do pai, o horror ao incesto e a culpa pelo parricídio encontra correspondente em alguns elementos presentes na tragédia escrita por Sófocles. Essa tragédia narra a descoberta feita por Édipo dos crimes que cometeu e o ato radical do personagem carregado da sensação de culpa pelos crimes cometidos (incesto e parricídio) de furar seus próprios olhos. Para Freud, a “confirmação” de que o complexo de Édipo é uma estrutura universal do ser humano tem a ver com a semelhança entre a reação de horror e repulsa do público na Grécia Antiga e a do público moderno. Nas palavras do autor:

Deve haver algo que desperta dentro de nós uma voz que está pronta a reconhecer a força compulsiva do destino o Édipo [...] Seu destino comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso [...] É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que acontece (FREUD, 1900/2001, p. 234).

A força com a qual a leitura freudiana da tragédia de Édipo incidiu sobre a mitologia e ciências humanas modernas fez com que dois grandes estudiosos da mitologia e tragédia gregas, Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet (1999), propusessem a discussão de um Édipo sem complexo, a fim de retomar o estudo desta história sem aquilo que eles consideram ser uma equivocada interpretação freudiana. Segundo os pesquisadores, a leitura de Freud consiste em uma leitura própria, não universal e totalmente distante da forma como os próprios gregos interpretavam esta tragédia. Eles mostram como Freud desconhecia a profundidade da tragédia grega e inclusive a do mito de Édipo, exatamente por ser um médico e não um historiador (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999).

Para estes historiadores, a peça de Sófocles é apenas uma das versões do mito de Édipo. Havia uma versão mais antiga em que o protagonista teve um fim bem diferente daquele da tragédia que Freud conhecia. O que faltou para Freud questionar, segundo eles, foi a razão pela qual, se tais conteúdos fazem parte dos sonhos universais, por que eles não são encontrados nas histórias, nos contos e nos mitos de outros povos, fazendo parte apenas de um período da história grega? Nas palavras dos autores:

Se a tragédia toma sua matéria de um tipo de sonho universal, se o efeito trágico se prende à mobilização de um complexo afetivo que cada um de nós traz consigo, por que a tragédia nasceu no mundo grego, na virada do VI para o V século? Por que as outras civilizações a ignoraram inteiramente? Por que na Grécia mesmo, a veia trágica secou tão rapidamente para apagar-se diante de uma reflexão filosófica que, explicando-as, fez desaparecer essas contradições sobre as quais a tragédia construía seu universo dramático? (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999, p. 56).

Eles também reprovam a leitura que Freud faz do Édipo pelo fato de o pai da psicanálise reduzir todo o rico material da mitologia grega a um recorte simples, esquecendo-se das demais obras trágicas⁵ e seus outros aspectos psicológicos possíveis de serem extraídos em nome de uma peça apenas. Nas palavras de Vernant e Vidal-Naquet (1999), “Como Freud pode esquecer que existem outras tragédias gregas, além do Édipo Rei e que, entre aquelas que nos foram conservadas de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípedes, a quase totalidade nada tem a ver com os sonhos edipianos?” (p. 57).

Para Freud, uma das principais formações do inconsciente consiste num processo semelhante ao da tragédia edipiana, de sempre haver uma lacuna dentro de nós, uma sensação de que algo nos foi retirado, e que diz respeito ao próprio processo de amadurecimento. Esse processo exigiu de nós o afastamento cada vez maior da segurança do colo da mãe e uma simultânea resposta às exigências da vida adulta (CLACK, 2015).

Muito se critica a importância dada pela psicanálise às relações familiares. Sem nos aprofundarmos nas críticas, e em apologia à psicanálise, podemos dizer que a importância dada à família consiste em um de seus fundamentos:

⁵ É neste sentido que se constrói a crítica de Jung ao seu antigo mestre: para ele o complexo de Édipo seria apenas um dos arquétipos, imagens ancestrais que compõem o que ele chamava de inconsciente coletivo; por isso criticava o valor excessivo que este conceito recebia da teoria freudiana. Para ele, ao fazer isso, Freud estaria negando outras questões existenciais que seriam semelhantes a outros personagens do mito, da tragédia ou das religiões (JUNG, 1963).

a condição de desamparo original do homem, nascendo o homem em posição de ter que ser cuidado por outro (FREUD, 1950[1895]/1996). Contudo, de acordo com Vernant e Vidal-Naquet (1999), em outras culturas não ocidentais, onde a dinâmica familiar e o entendimento sobre a família são diferentes, a psicanálise mostra-se limitada em sua perspectiva ocidental. A ideia do complexo de Édipo, quando tomada como condição universal e estruturante no desenvolvimento humano, como postulada por Freud⁶, mostra-se problemática quando pensada para além da cultura ocidental.

Em termos práticos, podemos considerar que o complexo de Édipo, apesar dos problemas de precisão histórica sobre a tragédia e também sobre o mito, responde à clínica freudiana, onde a análise do desamparo e da sensação de falta eram os materiais clínicos mais abundantes (CLACK, 2015). Nesse sentido, Lacan (1998), com seu viés estruturalista, toma o Édipo como estruturante dos quadros clínicos, circunscrevendo a sua função estruturante da subjetividade e sua importância para a experiência psicanalítica.

E justamente nesse sentido que o complexo de Édipo, na medida em que continuamos a reconhecê-lo como abarcando por sua significação o campo inteiro de nossa experiência, será declarado em nossa postulação como marcando os limites que nossa disciplina atribui à subjetividade (LACAN, 1998, p. 277).

Contudo, o psicanalista francês vai esvaindo-se um pouco da visão mítica freudiana e busca em outra tragédia grega o fundamento da ética da psicanálise, a ética do desejo que Freud vislumbrou e atuou enquanto clínico, mas não desenvolveu conceitualmente e nem tratou objetivamente em sua obra (LACAN, 1988).

O trágico em Lacan: a ética do desejo

Diferentemente de Freud, Jacques Lacan dedicou um de seus seminários ao tema da ética da psicanálise. No *Seminário, Livro 7 – a ética da psicanálise*, Lacan (1988) apresentará a ética advinda da leitura da obra de Freud, assim como uma reflexão sobre a ética nascida na originalidade de seu pensamento

⁶ “[...] uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz seu nome” (FREUD, 1900/2001, p. 233).

e estilo. A historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco, na biografia que escreveu sobre Lacan, diz que a passagem de Freud a Lacan na psicanálise se deu como a passagem do realismo ao barroco na arte, pois enquanto Freud se considerava ainda um homem de ciência, importando-se com certo compromisso com a racionalidade científica, Lacan põe contornos mais curvos na sua leitura sobre a psicanálise, questionando mais a realidade científica e abrindo caminhos mais abismais para a clínica psicanalítica (ROUDINESCO, 1994).

Em sua leitura “barroca” da clínica psicanalítica, Lacan percebe as limitações no modo como Freud faz a sua remissão à tragédia grega de Édipo (ROUDINESCO, 1994). Por isto, em sua *Ética da psicanálise*, Lacan opera um deslocamento da leitura e interpretação freudianas sobre a tragédia grega. Ao invés de tomar Édipo Rei, retoma outra peça da trilogia tebana – *Antígona*. Segundo Lacan (1988), a questão central que se coloca no processo de análise seria a relação do sujeito diante do seu próprio desejo.

Em sua apresentação sobre a ética da psicanálise, Lacan (1988) confere ênfase à importância dada pela psicanálise à sexualidade e à dimensão da erótica em seu corpo teórico. Segundo o psicanalista francês, a ética freudiana valoriza a sexualidade, aquilo que para os discursos que vigoram na modernidade, sobretudo no discurso científico positivista, representa um resto evolutivo da animalidade e não deveria ter tamanha importância como a que foi conferida por Freud.

Lacan distingue a ética freudiana da ética aristotélica, exatamente em função dessa importância conferida à sexualidade na psicanálise, pois enquanto o filósofo grego considerava a sexualidade algo que aproximava o homem da bestialidade e da animalidade, cabendo à ética e às funções superiores da razão o controle destes impulsos inferiores, em Freud a ética diz respeito ao oposto, isto é, à posição do sujeito diante do seu desejo inconsciente (LACAN, 1988).

A ética para a psicanálise, desvelada a partir da clínica, não estaria voltada aos ‘bens supremos e primordiais’, não se propõe a dar ordem ao caos e nem possui como finalidade a busca pela felicidade. A ética do desejo seria uma ética trágica, que tem a ver com a dimensão da falta, com o aspecto circular do desejo, das realizações sempre parciais do desejo, ela está mais relacionada às tragédias gregas, como a trilogia tebana de Sófocles, do que à ética de Aristóteles. Nas palavras do autor, “A ética da análise não é uma especulação que incide sobre a ordenação, a arrumação, do que chamo de serviço dos bens. Ela implica, propriamente falando, a dimensão que se expressa no que se chama de experiência trágica da vida” (LACAN, 1988, p. 375).

Em termos de clínica lacaniana, dá-se muita importância à observação do quanto daquilo que é enunciado é estruturante para a constituição psíquica daquele sujeito em análise. É comum no processo analítico, principalmente nos casos em que se observam a formação de sintomas e defesas do inconsciente, embora isso não se dê apenas em situação de adoecimento psíquico, nos depararmos com discursos em que o sujeito repete, utiliza como se fossem seus (originais), discursos que, na realidade, são do Outro. Esses discursos atravessam o sujeito desde o seu nascimento até aquele exato momento. Desse modo, na relação com o investimento e o com discurso da mãe, que em um primeiro momento da vida do sujeito irá marcar as suas escolhas e relações objetais⁷ futuras ao longo de toda a sua vida, aquilo que o sujeito escuta do Outro também exercerá poder sobre ele (ROUDINESCO, 1994).

Para Lacan, o que define a prática do analista e a sua ética, ou pelo menos aquilo que deveria definir, consiste na forma como ele se coloca diante do desejo do sujeito em análise e em seu compromisso com o sujeito que não precisa abdicar de seu desejo em prol das convenções que marcam o laço social. A ética da psicanálise diz respeito à possibilidade de o sujeito em análise se colocar diante do seu desejo como responsável por ele, podendo, inclusive, continuar a agir em conformidade com esse desejo, ou não (LACAN, 1988).

A ética do desejo também possui como aspecto trágico assumir a vontade de potência pelo fato de colocar o sujeito em condições de romper com os discursos que o formaram, de romper com o que está instituído, estabelecido como as regras culturais e familiares a partir dos imperativos do seu desejo. Isso é semelhante ao pensamento trágico nietzschiano que desloca o sujeito para uma postura crítica em relação à cultura e à tradição, aproximando-o das forças do corpo e resgatando sua vontade de potência (MACHADO, 2001).

O desejo como a “falta-a-ser”: a dimensão trágica do erotismo

Para Lacan, o desejo não está em uma coisa determinada, ele é permutação, ele vai saltando de significantes para outros significantes. Ele circula. O sujeito vai sempre querer outra coisa. O desejo nunca se realiza, pois a única coisa variá-

⁷ Para além de Freud (1905/1996), que pormenorizou apenas três zonas erógenas, oral, anal e fálica ou genital, Lacan acrescentará mais duas zonas erógenas, que ele chamará de orifícios do corpo – o ouvido e o olho. Lacan dará importância à fala da mãe com seu bebê nas primeiras experiências humanas. Para ele, a fala que a mãe investe no corpo da criança será imprescindível para o desenvolvimento do laço, vínculo afetivo daquele sujeito com o Outro (QUINET, 2012).

vel na pulsão é o objeto, sendo que a pulsão não atinge o objeto, mas o contorna. O objeto, então, é sempre contingente e parcial (LACAN, 1988).

De acordo com Quinet (2009), existe um ponto de encontro entre a teoria lacaniana e a filosofia de Martin Heidegger: o aspecto trágico do desejo em Lacan é semelhante ao que o filósofo alemão denominou de “falta-a-ser”, que é uma falta que faz parte da estrutura do ser humano, que está em cada coisa dita. Isto é o efeito da insuficiência do significante, pois no campo da intersubjetividade, o sujeito usa palavras que não são suas, signos que não são suficientes para expressar o significado de seu desejo e dar conta dele. Ou seja, o sujeito se esforça para ser algo além da linguagem, pois o desejo é algo que não cabe no significante. A “falta-a-ser”, então, é a origem do desejo, visto que o significante é errante, daí o sujeito continuamente ir deslocando a sua libido para outros objetos de desejo.

Na psicanálise não existe um ser *a priori*, uma essência do sujeito: a única essência seria a ausência de uma essência aprioristicamente determinada. Apenas a linguagem, o registro simbólico, antecede a criança e estrutura a cultura (*Kultur*), onde a criança terá que fazer um esforço para se inserir nesse meio de trocas. O sujeito desse campo simbólico é o sujeito da psicanálise: atravessado por um discurso, por uma herança cultural. E, sobretudo, pelo desejo do Outro. No discurso, na articulação dos significantes, irá aparecer um desejo que, de fato, é o desejo do Outro, mas também é a interpretação que o sujeito dá para o desejo do Outro, levando em conta que o desejo nunca é realizado, pois o significante nunca remete à coisa. Ao mesmo tempo em que o discurso é uma presença, ele marca uma ausência, algo que sempre falta (GARCIA-ROZA, 2009).

Essa “falta-a-ser” do desejo é onde se encontra o registro do trágico em Lacan. Em análise, somos colocados diante de um desejo pulsante, que jamais é realizado completamente, que não deixa de querer – em análise somos o sujeito diante dos imperativos do desejo. A ética trágica está em reconhecer o desejo e a falta que o move e se questionar sobre a sua atitude diante deste desejo, nota-se que a razão e a consciência são posteriores à vontade, à semelhança dos discursos trágicos de Schopenhauer e Nietzsche (QUINET, 2009).

Por isso o psicanalista francês escolheu a jovem filha e irmã de Édipo, Antígona, como ilustração para a ética da psicanálise, a ética de o sujeito em análise não ser obrigado a aceitar o que está sendo posto como obrigação, seja pelo que se formou a partir do discurso dos pais, ou no caso de Antígona, pelo que estava sendo constituída como lei de Estado, pelo governo tirano de seu tio Creonte. A jovem heroína recusou-se a acatar a ordem de que seu irmão Poli-

nices não pudesse ser enterrado ou recebesse a devida cerimônia fúnebre. Antígona não cedeu às determinações injustas de Creonte, ela se questionou sobre a validade do que estava sendo posto e seguiu seu próprio desejo, deu lugar aos seus afetos fraternos (LACAN, 1988).

A ética da psicanálise para Lacan seria trágica, pois o encontro do sujeito com seu desejo na clínica lembra a postura dessa personagem trágica diante do discurso poderoso do Outro. A métrica em análise deve ser a exortação de Sófocles que diz “Agiste você em relação ao seu desejo em conformidade ou não?”. Estar ou não agindo em conformidade com o nosso desejo nos coloca em uma situação como se estivéssemos nos equilibrando em uma corda sobre o abismo, para aproveitar da figura do funambulista do Zarathustra. Não conseguimos jamais atingir um equilíbrio pleno, total; ele é apenas parcial. Muitas forças estão em jogo, as forças do nosso corpo, as forças do mundo, a precariedade do nosso pensamento racional e da nossa consciência (MACHADO, 2001).

Considerações finais

Tanto Freud quanto Lacan operaram uma remissão à tragédia grega. A partir da leitura dessa remissão é possível extrair noções diferentes sobre o trágico. A primeira diz respeito ao trágico freudiano, que diz respeito à posição precária da criança no triângulo edípiano. Consideramos que tal movimento de retorno à tragédia grega, como se a tragédia fosse uma espécie de guardião de uma verdade profunda sobre os recônditos da alma humana, coloca tanto Freud como Lacan na esteira dos pensadores de estilo trágico, conforme apresenta Machado (2006).

Em uma revisão filosófica, podemos dizer que os fundamentos da psicanálise, desde a sua criação por Freud, são abismais, na clínica psicanalítica o material a ser trabalhado não é um bloco homogêneo, mas sim um material maleável, que diz respeito às dimensões do desejo e da falta, que constituem o sujeito (BIRMAN, 2017).

A remissão que Freud faz da tragédia de Édipo Rei expõe apenas uma versão do mito, mais antigo que a tragédia, de Édipo, ligando o desejo à culpa e às autopunições inconscientes (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999). Todavia, a remissão freudiana à tragédia de Édipo responde a uma demanda do campo de trabalho psicanalítico – a clínica. A versão em que Édipo fura os próprios olhos devido ao sentimento de culpa sentido pelo cometimento dos

crimes de parricídio e de incesto, ilustra o complexo psíquico nuclear que explica a etiologia da neurose. Portanto, apesar das considerações dos historiadores e mitólogos, contrários ao viés edipiano trabalhado por Freud, o que importa à psicanálise é que esta versão do mito, escrita traduzida por Sófocles como uma tragédia, responde à clínica e, sobretudo, à estrutura clínica de onde a psicanálise foi moldada, a saber, a neurose.

A remissão de Lacan à tragédia *Antígona*, institui para a psicanálise o seu fundamento trágico: o desejo e a dimensão da falta. A ética trágica da psicanálise, de acordo com Lacan (1988) indica o compromisso do analista para com o sujeito em análise. Este último não deve ceder de seu desejo em prol das regras e das convenções que sustentam o laço social. A ética clínica proposta por Lacan (1959-1960/1988) oferece a possibilidade de entender como somos sujeitos formados pelo(s) discurso(s) do(s) Outro (outros) e como podemos viver este discurso como sendo nosso ou como podemos romper com ele, mesmo que sejamos severamente punidos por viver conforme o nosso desejo, como ocorreu com Antígona.

É também na ética do desejo proposta por Lacan que a psicanálise se coloca mais próxima de uma postura crítica dos poderes instituídos, pela Igreja, pela família, pela sociedade. Ao nos indagarmos sobre se agimos ou não em conformidade com nosso desejo, a clínica psicanalítica nos coloca em situação abismal, nos traz para o presente do corpo, volta a nossa percepção às forças do erotismo e nos faz questionar o que está instituído, aquilo que nos formou e ao mesmo tempo pode representar o abafamento de uma vida com liberdade e potência.

Resgatar a ética do desejo na psicanálise, a partir de Lacan (1959-1960/1988), assim como os fundamentos trágicos da clínica psicanalítica, pode servir inclusive em termos práticos. Pode servir para a fundamentação de uma clínica freudiana onde o analista se enxerga não mais como o escultor que apenas retira fragmentos de matéria sólida (FREUD, 1905[1904]/1996), mas como alguém que trabalha com um material tão fluido como a água (FREUD, 1937/2017). Uma clínica que se aproxima do trágico nietzschiano ao recusar fundamentos de cunho mais metafísicos, e privilegiar o questionamento acerca da potência que se produz durante a relação terapêutica.

Debruçar-se sobre os fundamentos trágicos da psicanálise, sobre o ato de retorno operado por Freud e Lacan à tragédia grega e observar as noções de trágico correspondentes ao discurso de cada um, é tarefa importante para situar tanto o analista quanto o analisando na prática clínica que está sendo produzida. Desse modo, possibilita-se que tanto um quanto o outro possam

questionar se esta prática está produzindo potência, atividade, rupturas salu-
tares, alegria ou está produzindo impotência, passividade, adoecimento e
tristeza.

Tramitação

Recebido 08/11/2023

Aprovado 15/02/2024

Referências

- ASSOUN, P.-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1978.
- _____. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- BARBOZA, J. Prefácio. In: SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 7-18.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- _____. A dor na constituição do discurso freudiano. In: FORTES, I. *A dor psíquica*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.
- _____. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CACCIOLA, M. L. M. e O. O. A vontade e a pulsão em Schopenhauer. In: MOURA, A. H. de (Org.). *As pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995. p. 53-63.
- CLACK, B. *Freud no divã*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- FOUCAULT, M. (1970). Loucura, literatura, sociedade. In: *Ditos e escritos I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3. ed. p. 232-258. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.
- _____. (1950[1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 355-466. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- _____. (1905[1904]). *Sobre psicoterapia*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 241-254. (ESB, 7).

- _____. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-230. (ESB, 7).
- _____. (1908). *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-186. (ESB, 9).
- _____. (1914) *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-74. (ESB, 14).
- _____. (1915) *O inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-217. (ESB, 14).
- _____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-75. (ESB, 18).
- _____. (1923[1922]). *Dois verbetes de enciclopédia*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 249-276. (ESB, 18).
- _____. (1930). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-151. (ESB, 21).
- _____. (1933[1932]). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-178. (ESB, 22).
- _____. (1937). A análise finita e a infinita. In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FONSECA, E. R. da. *Psiquismo e vida. O conceito de impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1963.
- _____. (1927). Psicologia analítica e cosmovisão. In: _____. *A natureza da psique*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 147-158.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.
- _____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b.
- _____. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

- _____. (1960). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 238-324.
- _____. (1957-1958). Os três tempos do Édipo. In: *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 185-203.
- MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MARCUSE, H. *Eros e civilização - uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- NIETZSCHE, F. (1872). *O nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2007.
- _____. (1873). *A filosofia na era trágica dos gregos*. São Paulo: Hedra, 2008.
- _____. (1887). *Genealogia da moral*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- QUINET, A. *Psicose e laço social: paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- _____. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.
- ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.